

GAIA MANAUARA

Marcia Valeria Sampaio*

Resumo:

O presente trabalho apresenta uma análise sobre a Memória Coletiva e o estudo teórico dos Mitos e Arquétipos desenvolvido por C.G.Jung, com o objetivo de perceber a matriarca do romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, enquanto expressão “encarnada” da Grande Mãe - tendo esta última de ser entendida no sentido metafórico, enquanto uma potencialidade inata de comportamento - a fim de melhor compreender suas escolhas e caminhos percorridos ao longo da narrativa.

Palavras-chave: Mito; Memória Coletiva; Arquétipo Feminino; Milton Hatoum.

Com uma escrita envolvente e exuberante, o escritor e professor brasileiro Milton Hatoum, em seu segundo romance, *Dois Irmãos*, nos apresenta a beleza de uma cultura híbrida escondida numa Manaus distante e exótica, ao mesmo tempo em que desperta reflexões mais profundas acerca da natureza fugaz e ambígua do ser humano através da história de uma família de origem libanesa, à primeira vista como tantas outras, mas que no decorrer da narrativa se revela mais sofrida e - por que não dizer? - trágica que a maioria.

A temática principal de *Dois Irmãos* gira em torno dos irmãos Yaqub e Omar, e como toda a família se comporta diante e por conta desse conflito. Os gêmeos, com suas características e personalidades totalmente opostas e paradoxais, desde o nascimento, foram recebidos e tratados de forma declaradamente distinta, - partindo da própria mãe, Zana - gerando uma hostilidade inevitável entre ambos. No meio desse drama familiar, ainda se encontra a figura do pai ausente, Halim, que, por viver mais interessado e preocupado em amar a esposa tão desejada, acaba por nutrir um rancor velado pelos filhos que lhe forçaram a dividir a atenção e o afeto da mulher. Rânia é a filha caçula, única menina que, misteriosamente, após uma decepção amorosa na adolescência – orquestrada, de alguma forma, pela mãe - se fecha ao amor e a todos os pretendentes que a cercavam, e passa a concentrar todos os seus olhares e sonhos em seus irmãos mais velhos, numa relação de carinho, admiração e desejo incestuoso. Há também uma índia agregada, Domingas, que foi morar ainda menina na casa dos novos patrões, cedida pelas freiras do

* Mestranda em Estudos Literários com subárea em Literatura Brasileira e Teoria da Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Projetos vinculados: grupos de pesquisa *Caminhos da Literatura Brasileira*, liderado pela Prof^a Dr^a Claudete Daflon e a Prof^a Dr^a Matildes Demétrio (UFF); e *Leitura, Literatura e Formação do Leitor*, liderado pelo Prof Dr Andre Dias (UFF). marciavaleriasampaio@gmail.com

convento local, e que concentra funções diversas na dinâmica familiar: vassala, amiga, filha, irmã, amante e “sombra servil de Zana”. E, por fim, Nael, filho de Domingas com um dos gêmeos, e também o narrador da história, e cujo ponto de vista parcial - permeado de imagens, sensações e percepções recordadas e recontadas - é fundamental para uma visualização mais nítida e definida dos papéis que cada um dos membros da família exerce. Começa, aí, uma narrativa que nos leva a conhecer pessoal e intimamente cada membro dessa peculiar e disfuncional família. E uma personagem Zana, em especial, chamou minha atenção desde o início. Era ela uma *Gaia* em seu mundo: mulher-mãe gigantesca, forte, dona de si e dos outros, que “via muito, por todos os ângulos, de perto e de longe, de frente e de viés, por cima e por baixo, e sua visão continha uma sabedoria” (HATOUM, 2008, p.95). No decorrer da leitura, era impossível desviar a atenção dela, com toda sua dualidade e particularidades. Mesmo agora que retomo o percurso narrativo de *Dois Irmãos*, é possível vê-la atuando em todas as situações, direta ou indiretamente.

Dois Irmãos, no entanto, mais do que o relato do percurso de uma família e sua matriarca controladora, é um mosaico de recordações individuais e coletivas, um remexer da memória - do autor, narrador e leitor - onde a verdade se mistura entre a ficção e a realidade. O próprio Hatoum não se esquiva de falar sobre o tema e reconhece “o papel da memória da infância e desejo de revisitar o passado” (Chiarelli, 2007, p.36) em sua escrita:

Há muita coisa em *Dois Irmãos* que vivenciei. (...) Eu parto da família. O núcleo familiar é importante porque faz parte de uma história local. A partir da história dessa família, (...) eu tento aprofundar dramas que se pretendem universais. A literatura fala do particular. A literatura sobre generalidades não aprofunda muita coisa. Então, a minha vivência na família árabe-amazônica de *Dois Irmãos* foi importantíssima. Não só a minha família, mas a dos vizinhos, dos caboclos, dos empregados, dos pescadores. Eu saía muito para pescar em Manaus com meu avô, que era um grande contador de histórias. Então, meu primeiro livro foi “ouvido”. (GONÇALVES FILHO, 2000, p.13)

Percebo claramente na literatura uma forte influência da sociedade e das experiências pessoais do escritor. Um bom exemplo disso é a predisposição do próprio Hatoum em recriar famílias matriarcais cujas personagens femininas são projeções de um modelo de comportamento dominante. É evidente a semelhança, neste sentido, entre Zana e Emilie, personagem de *Relato de um certo Oriente*. As duas matriarcas são o centro do núcleo familiar, citadas como metáforas da casa, belas, austeras e matronas por excelência. Ambas ainda mantinham relacionamentos turbulentos com as filhas mulheres e afetivamente especiais com seus filhos homens, chegando a um nível emocionalmente incestuoso. Essas duas figuras, tão semelhantes entre si, fazem mais sentido enquanto

releituras de experiências pessoais ao lermos “Conversa com a Matriarca”, crônica encontrada no livro *Um Solitário à Espreita*, onde o autor descreve a avó Samara como “uma maestrina sem batuta, conduzindo o coral (família) com gestos incisivos de suprema matriarca” e conta como era sua dinâmica com seus filhos homens, mais especificamente no que dizia respeito às mulheres: “É que Samara tinha ciúme até da sombra dos filhos, desde que fossem sombras femininas. [...] Podiam brigar por dinheiro, por futebol ou política, mas nunca por amor a uma mulher, já que a única mulher na vida deles era ela mesma” (HATOUM, 2013, p.15). No entanto, apesar da memória individual existir, acredito que a consciência não se mantém solitária e restrita a um tempo espacial delimitado. Em “A Memória Coletiva”, o sociólogo Maurice Halbwachs afirma que o ato de lembrar é uma forma de refazer, de reconstruir as experiências do passado sob a influência de imagens e ideias de hoje. Além disso, ele associa a memória individual à memória do grupo enquanto tradição, ou seja, a memória individual é consequência de tudo que previamente foi determinado socialmente. Todas as lembranças e pensamentos, - a princípio subjetivos - que temos são releituras de uma memória coletiva, ou seja, “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (HALBWACHS, 1990, p.71). A ideia de Halbwachs se aproxima muito do que o psicoterapeuta suíço C.G. Carl Jung denominou de Inconsciente Coletivo, teoria que corrobora a ideia de que o princípio da memória vai além das reminiscências de infância, abrangendo todo o universo.

Partindo deste princípio, acredito ser pertinente escolher o termo “Gaia” enquanto definição de Zana, entendendo ser esta uma referência à deusa Mãe primordial, símbolo da função materna, geradora de todos os deuses e uma das primeiras divindades a habitar o Olimpo. Se num primeiro momento poderia parecer pouco provável haver alguma associação entre Mitologia Grega e a obra de Milton Hatoum, ao compreender o amplo alcance da memória e encarar a mitologia enquanto o estudo dos mitos e a história da humanidade contada por milênios e transmitida através do Inconsciente Coletivo em forma de arquétipos, é possível encontrar o elo. Vale ressaltar que o mito a que me refiro neste trabalho não deve ser encarado como lenda, fábula ou forma de religião, e sim como uma mensagem carregada de símbolos e significados, resultado das primeiras tentativas do homem de explicar o mundo e a natureza humana. Para Jung, o mito vem a ser um elo entre consciente e inconsciente coletivo. Ele acreditava que a forma como nos

comportamos e reagimos ao mundo está relacionada tanto às influências familiares e às experiências que tivemos ao longo da vida, como também à herança genética:

Do mesmo modo que o corpo humano apresenta uma anatomia comum, sempre a mesma, apesar de todas as diferenças raciais, a psique também possui um substrato comum. (...) Assim o inconsciente coletivo é simplesmente a expressão psíquica da identidade da estrutura cerebral independente de todas as diferenças (...). Deste modo, pode ser explicada a analogia, que vai mesmo até a identidade, entre vários temas míticos e símbolos, e a possibilidade de compreensão entre os homens em geral. (JUNG, 1934/1954 apud SILVEIRA, 1968, p.73)

Essas informações milenares que carregamos no Inconsciente Coletivo são manifestadas através de símbolos que se revelam através de sonhos, das artes, das narrativas, dos contos de fadas, e dos mitos. Esses símbolos são os arquétipos, as imagens universais que remetem aos tempos mais remotos e nos ajudam no processo da vivência cotidiana de experiências. São os arquétipos que dão sentido ao mito, ao mesmo tempo em que se alimentam dele enquanto referência. No que se refere especificamente à literatura, - ou qualquer outro tipo de arte - Jung acredita que o imaginário é uma porção intuitiva do homem e está diretamente ligado ao inconsciente. Assim, é possível afirmar que a literatura, mesmo nos dias de hoje, busca - se valendo da intuição/imaginação do escritor - encontrar o mito constante em todas as culturas, acessando as informações e ideias mais ricas e significativas contidas no Inconsciente Coletivo.

Sob esta perspectiva do conceito junguiano de Arquétipo e Inconsciente Coletivo, volto novamente o olhar para a matriarca de *Dois Irmãos*, visualizando-a como uma possibilidade arquetípica, enquanto expressão simbólica da Grande Mãe e suas hipóstases. Assim como a Gaia, a Mãe Terra, elemento primordial, “a própria Terra que, sozinha, gera todos os seres, alimenta-os e depois recebe deles novamente o gérmen fecundo” (BRANDÃO, 1996, p.185), surge Zana, exalando poder e força feminina. É mulher e mãe por excelência. Por ser a matriz da vida, recebe o nome de *Magna Mater*, a Grande Mãe. Contém em si a bipolaridade do arquétipo materno, ora sendo a mãe bondosa, ora a mãe dominadora. Com os homens mantém uma relação de controle, pois não pertence a nenhum, e com isso impõem e assume a nulidade masculina diante do feminino. Como bem destacou Hatoum em sua descrição, ela “era possuída por uma teimosia silenciosa, matutada, uma insistência em fogo brando; (...) golpeava ferinamente e decidia tudo, (...) ela mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos”. E, obviamente no marido e no pai. “Mas Zana quis assim... ela decidiu”, disse Halim a Nael num determinado momento. Ela sempre decidia, para bem ou para mal, o caminho que ela seguiria e que os

outros seguiriam, e “não escutava vaias nem conselhos” (HATOUM, 2008, p.40 e 43). Ela decidiu casar com Halim, apesar dos protestos das beatas. Decidiu onde iriam morar. Decidiu que o pai deveria voltar ao Líbano. Decidiu que deveriam fechar o restaurante para abrir um comércio. Decidiu que queria filhos, e queria três. Decidiu preferir o Caçula e preterir Yaqub. Decidiu enviar Yaqub ao Líbano e deixar Omar junto dela. E assim foi Zana, decidindo por ela e pelos outros, nunca contestada ou freada. Ela ganhava força à medida que todos os outros perdiam. “Naquele silêncio só dela, ela mexia os paus, soprava o carvão em brasa. Só ela, com a voz serena antes do bote. (...) abelha numa só casinha da colmeia”. (HATOUM, 2008, p.40 e 110).

Não restam dúvidas de que Zana é uma figura complexa, de personalidade forte, claramente dominante e manipuladora, capaz de impactar, positiva e negativamente, a vida de todas as pessoas que com ela conviveram, desde sua infância até os últimos dias de sua vida. No entanto, não é tão simples reduzi-la a “boa” ou “má”, “vilã” ou “heroína”, uma vez que a própria vida não funciona desta maneira e, muito menos, as personalidades podem ser definidas de maneira tão simplista. Por isso, toda essa força quase opressora que emana de Zana não significa falta de amor, ainda mais quando falamos de seus filhos homens. Como uma Deméter superprotetora, faz deles o centro das suas preocupações e seu grande sentido de vida. Com Yaqub, o filho mais velho, mantém uma relação quase ressentida. Ela se alimenta da necessidade que os filhos nutrem por ela, e tenta ser a prioridade absoluta na vida deles. Mas o distanciamento emocional de Yaqub - sempre mais acanhado, arredio e esquivo - fere Zana. Quanto mais independente Yaqub se mostrava, mais magoada e hostil Zana se apresentava. A culminância dessa mágoa se deu quando Yaqub se casou com Lívia, moça que, na adolescência, foi o pivô do grande desafeto entre os irmãos que perdurou por toda a vida de ambos.

Essa falta de reciprocidade emocional do primogênito provocou oscilações de comportamento por parte da mãe que, ora rompia em ímpetos de amor, ora se mostrava distante e indiferente, numa tentativa de chamar a atenção do filho mais velho. Já Omar, desde o nascimento, se mostrou mais dependente quando “adoeceu muito nos primeiros meses de vida”. Logo o Caçula se tornou o alvo principal de seu afeto e dedicação e “cresceu cercado por um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que via na compleição frágil do filho a morte iminente” (HATOUM, 2008, p.50). Essa codependência se enraizou e se estendeu ao longo da vida de ambos até ao ponto de manterem um vínculo emocional totalmente alheio e isolado do resto da família. Zana enlouquecia sem Omar por perto e não permitia que o seu “menino” mantivesse um relacionamento com outra mulher:

“Tens tudo aqui em casa, meu amor”. Começou a soluçar, a chorar. Pegou nas mãos dele (...) suspirava de felicidade porque o filho estava ali, queimado por dentro, mas agora só dela. (...) Essa fidelidade à mãe merecia uma recompensa. (...) Nem precisava pedir certas coisas: a mãe adivinhava os seus desejos, dava-lhe tudo, desde que não se desgarrasse. Entre ambos não havia recompensa gratuita. (HATOUM, 2008, p.130)

Retomando, assim, o pensamento arquetípico feminino, apesar de ser evidente em Zana a predominância dos arquétipos de Gaia e Deméter, - até por ser a segunda a hipótese mais próxima da primeira, de forma que se misturam entre si de maneira natural - é possível encontrar, também, um pouco de Hera e Afrodite, no que diz respeito a sua relação com o apaixonado Halim. Zana, assim como Hera, escolheu casar cedo e se dedicou a proteger seu casamento, sendo uma boa esposa, amorosa e dedicada, embora a obsessão por Omar tenha desviado sua atenção durante o percurso fazendo o marido, inclusive, se sentir relegado:

O que eu fiz pra conquistar essa mulher! Meses e meses... os gazais, o vinho para vencer a timidez... (...) Só pensava nela, só queria ela... Depois a vida foi dando voltas, foi me cercando, me acuando... (...) Me agarrei a Zana, quis tudo... até o impossível. Essa paixão voraz como o abismo. Depois (...) o Omar foi crescendo na vida dela... (...) Ficou louca, fez tudo por ele, é capaz de morrer com ele... Longe do filho, era a minha mulher, a mulher que eu queria. (HATOUM, 2008, p.135 e 136)

No entanto, Halim permanecia enlouquecido de amor e desejo por sua esposa e, até o fim da vida, repetia que nem filhos queria para não precisar dividi-la com mais ninguém. Essa fascinação que Zana exercia sobre Halim é associada à Afrodite, a deusa do amor, vaidosa, atraente, impetuosa e impulsiva. Tal qual o arquétipo, Zana possuía uma energia interior que a impelia habilmente aos prazeres do amor. Isso fica bem claro no trecho onde Nael descreve as cenas de paixão que presenciava entre os avós:

Vi Halim e Zana de pernas para o ar, entregues a lambidas e beijos danados, cenas que eu via quando tinha dez, onze anos e que me divertiam e me assustavam, porque Halim soltava urros e gaitadas, e ela, Zana, com aquela cara de santa no café da manhã, era uma diaba na cama, um vulcão erotizado até o dedo mindinho. (HATOUM, 2008, p.67 – grifo meu)

O interessante na busca dos arquétipos na mitologia é notar que em cada mito existe um atributo e, mesmo havendo predominância de um, é possível perceber a atuação dos outros. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar o percurso da personagem Zana a partir das formulações teóricas de C.G. Jung, com vistas de melhor compreender as várias dimensões de sua personalidade e como esses elementos influenciaram sua trajetória e do seu núcleo familiar. Zana é uma personagem que tentando acertar errou. Por tanto amar

estragou. Por não compreender devastou, mas que, por ser ela própria vítima de circunstâncias alheias à sua escolha ou vontade, desenvolveu esse perfil intenso, altivo, manipulador e dominante. Para isso, serão levadas em consideração as experiências pessoais e coletivas da personagem para a compreensão da estrutura dos complexos e arquétipos relacionados à sua percepção e postura diante do mundo e das pessoas.

Dessa forma, encarando como um exercício imaginativo que leva ao autoconhecimento, encontro em Zana modelos femininos que estão presentes na formação da personalidade da mulher e à percepção que temos de nós mesmas. No final das contas, é esse o propósito do mito: fazer reconhecer os diferentes arquétipos que se mantêm permanentes em todas as culturas até os dias de hoje na tentativa de explicar o mundo e a realidade humana. Chego à conclusão de que poderia prosseguir na busca desses modelos mitológicos por toda a narrativa de *Dois Irmãos*, inclusive no que diz respeito às personagens masculinas, uma vez que a obra criada por Milton Hatoum é quase uma fábula mitológica que se metamorfoseia em romance, onde encontramos não apenas uma Gaia como todo um Olimpo manauara.

Referências bibliográficas

- BOLEM, Jean Shinoda (1990). *Psicologia das Mulheres*. 2. ed. São Paulo: Edições Paulinas.
- BRANDÃO, Junito de Souza (1996). *Mitologia Grega*. Volume I. 6ª Ed. Petrópolis: Vozes.
- CASSIRER, Ernst (1985). *Linguagem e Mito*. São Paulo: Perspectiva
- CHIARELLI, Stefania (2007). *Vidas em Trânsito - As Ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum*. São Paulo: Annablume.
- GONÇALVES FILHO, Antônio (2000). *O Evangelho de Hatoum*. São Paulo: Valor.
- HALBWACHS, Maurice (1990). *A Memória Coletiva*. Trad. Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Vértice.
- HALL, C.S., NORDBY, V.J (1993). *Introdução à Psicologia Junguiana*. São Paulo: Cultrix.
- HATOUM, Milton (2008). *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2000). *Relato de um Certo Oriente*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2013). *Um Solitário à Espreita*. São Paulo: Companhia das Letras.
- JUNG, Carl Gustav (2000) . *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Rio de Janeiro: Vozes.
- _____ (1964). *O Homem e seus Símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SILVEIRA, N (1968). *Jung, Vida e Obra*. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor.